

Capítulo 4

Vida da Igreja além da “singularidade”

Se alguém se considera alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo. (Gálatas 6:3)

O lema de recrutamento do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos é “Os poucos, os orgulhosos, os fuzileiros navais”. Alguns cristãos, infelizmente, fabricaram o equivalente a esse lema para expressar o pensamento de uma elite religiosa. E entre os evangélicos professos, o Movimento da Igreja Local tem se destacado em fomentar a moral de seus membros. O resultado nada desejável tem sido os *poucos* e os *orgulhosos*, mas não os fuzileiros navais. Ainda assim, os membros prometem uns aos outros infinitamente que, acima de todos os cristãos, eles são o único movimento do Senhor na Terra.

A sensação de ser especial é parte integrante de qualquer grupo que está seguindo o caminho do *status* aberrante. De acordo com Stephen Arterburn em seu livro best-seller, *Fé Tóxica*, existem dez características de um sistema de fé falho. Ocupando o primeiro lugar encontra-se o esforço de um grupo para criar uma aura de singularidade sobre si mesmo.

Membros de sistemas de fé tóxica alcançam um ponto em sua progressão viciante, onde fazem afirmações sobre si mesmos para se diferenciar dos outros.

Johnson & Vanonderen concordam:

Em primeiro lugar, a liderança projeta uma mentalidade do tipo “só nós estamos certos”, que permeia o sistema. Os membros devem permanecer no sistema se quiserem estar “seguros”, ou ficar “em bons termos” com Deus, ou não serem vistos como “errados” ou “desviados”.

Essa estratégia é eficaz para manter a lista de membros intacta, mesmo que os membros percebam coisas erradas sobre a própria organização. O medo de partir do grupo torna-se uma força quase palpável. Johnson & VanVonderen continuam:

Temos aconselhado muitos cristãos que, depois de decidirem deixar a igreja, foram informados de coisas horripilantes. “Deus vai retirar o Seu Espírito de você e de sua família.” “Deus destruirá os seus negócios.” “Sem nossa proteção, Satanás atacará seus filhos.” “Você e sua família ficarão debaixo de uma maldição.” Isso é abuso e chantagem espiritual. E isso faz com que as pessoas fiquem em lugares abusivos.

Infelizmente, as autoridades do Living Stream não ficaram acima dessas táticas. Insinuações ameaçadoras foram feitas, do púlpito, sobre a saída de membros da Igreja Local que mais tarde morreram ou cuja utilidade para Deus foi neutralizada. Os membros são assim devidamente advertidos, para que as mesmas coisas não caiam sobre eles se tentarem deixar o Movimento.

Aqueles que emitem as advertências parecem alheios ao fato de que as pessoas morrem o tempo todo, independentemente de associações passadas ou presentes com o Living Stream Ministry. De fato, um número de luzeiros do Ministério recentemente sofreu mortes que poderiam ser consideradas intempestivas. Igualmente infundada é a alegação de que nenhum ex-membro foi muito usado pelo Senhor depois de partir. “Muito usado” é um termo vago. Se isso significa notoriedade, então até mesmo os mais leais membros do Movimento falham neste teste, pois são completamente desconhecidos para a grande maioria do público cristão. Tampouco “muito usado” pode se referir ao tamanho dos seguidores, já que, como um todo, o Movimento da Igreja Local em si fracassaria, sendo quase insignificante na proporção de outros grupos cristãos. “Muito usado” acaba sendo um ideal abstrato na mente dos pregadores do Ministério. É tudo linguagem ameaçadora, mas sob escrutínio objetivo, acaba por ser nada mais do que tentativas superficiais de intimidação.

O mito da estufa de um vencedor

Outra maneira de reforçar uma crença de “singularidade” no Movimento Igreja Local é o ensinamento da igreja produtora de um vencedor. Isto, é claro, conecta firmemente os cristãos vitoriosos das Escrituras com todas as armadilhas do Movimento – suas atitudes, práticas e, acima de tudo, sua lealdade ao Ministério do LSM. Os membros estão hesitadamente dispostos a admitir que pode haver crentes vencedores em outros grupos cristãos. Eles também acrescentam, com a mesma rapidez, que é muito difícil vencer sem estar em “Filadélfia” (que, é claro, são as cerca de trinta pessoas que se identificam como a igreja naquela cidade).

Armados com a mentalidade do vencedor, os membros se sentem confiantes para avaliar o cenário cristão como amplamente degradado. Eu concordaria com a afirmação de que o cristianismo tem seu quinhão de fracassos. No entanto, as igrejas do movimento realmente se saem melhor? Ou os mesmos fatores de degradação também podem ser encontrados entre eles, escondidos da vista? Penetrar o exterior do “Homem-Deus” do Movimento pode produzir algumas descobertas reveladoras. Eu pessoalmente conheci ou ouvi falar (de fontes confiáveis) de casos envolvendo homossexualidade ativa, divórcios, vícios pornográficos, mentiras, roubos,

calúnias públicas, fúrias judiciais, ganância, divisão, vício de drogas e álcool, fornicação [abusos sexuais], adultério e lutas de poder flagrantes. Essas falhas vêm de um amplo espectro geográfico e não de uma única igreja ou região. Agora, seria injusto dizer que o Movimento Igreja Local tem mais dessas coisas acontecendo do que no “Cristianismo”. Não, as Igrejas Locais não são piores que outras, mas também não são a antítese cintilante da corrupção que elas auto-anunciam. Assim como seus companheiros de fé, as pessoas do Movimento também são vítimas dos piores elementos da carne e muito mais do que gostariam de admitir. Isto é verdade apesar de suas reivindicações contínuas de ser o melhor lugar para produzir vencedores. Dados os fatos, não encontramos nenhuma santificação nas Igrejas Locais que seja mensuravelmente superior a seus sérios vizinhos cristãos.

De fato, devido a sua ênfase em tantos assuntos periféricos, as igrejas do Movimento podem muito bem ser um dos lugares mais difíceis do mundo para os cristãos prosperarem genuinamente. Usando as igrejas do Apocalipse como um modelo, poderíamos inferir facilmente uma condição derrotada para os membros da Igreja Local (assim como eles fizeram com os outros).

Por exemplo, o fracasso em Éfeso está relacionado a perder o amor afetuoso e pessoal pelo próprio Cristo. A característica mais alarmante sobre a mentalidade atordoante do Movimento é que ele não pode dizer a diferença entre Cristo e enunciados, esboços, treinamentos, conferências, vídeos, notas de rodapé, homens ou organizações especiais. Uma vez que os últimos tomam emprestado seu objeto do primeiro, então a suposição tende a ser que eles são idênticos. Assim, o primeiro amor facilmente se torna “o ministério”, e dificilmente alguém percebe.

O fracasso em Pérgamo envolve um casamento com o mundo. As autoridades do LSM definem solenemente essa união ímpia como a igreja usando “truques”, música contemporânea, drama e qualquer outro método que difere de seu paradigma. Nós devemos nos perguntar, no entanto, se eles não definiram tão estritamente “o mundo” a ponto de perder a definição mais ampla dele. Pois no acampamento da Igreja Local encontramos a força do mundo usada casualmente para alcançar as agendas do Movimento e endireitar os “problemas”. Isso incluiu esquemas de negócios e o desejo por imóveis na igreja, bem como uma longa história de ações judiciais e numerosas ameaças deles (Retrocedendo até meados dos anos 60 – veja *Wikipedia, controvérsias da Igreja local on-line*).

Em Tiatira o principal fracasso é a idolatria, que o Movimento Igreja Local (e outros) descrevem como ícones religiosos inspiradores. Devemos perguntar se a idolatria deveria incluir também a elevação de ministros venerados, seus cemitérios, casas-museu, gavetas de

meias e escrivaninhas. Desnecessário dizer que o papismo e suas relíquias associadas pertencem ao catolicismo romano, não a um “ninho” de vencedores.

O principal problema em Sardes é a morte espiritual. Os membros do movimento juram pelas qualidades vivificantes das reuniões e da literatura da Igreja Local. No entanto, se isso é “vida” ou algum tipo de condicionamento religioso, ainda precisa ser visto. A vida espiritual é uma questão subjetiva, desde que esteja confinada ao reino da sensação. O membro veterano da Igreja Local descreve uma videoconferência como “gloriosa” e “viva”. O franco observador externo descreve a mesma reunião como “chato” e “bizarro”. As igrejas do movimento não podem reivindicar objetivamente estar vivas quando tanta opinião negativa diz o contrário.

Filadélfia é a suposta igreja restaurada, advertida a manter sua pequena força, a Palavra do Senhor e o nome do Senhor. As igrejas do movimento afirmam “guardar” esses itens e, portanto, preenchem a descrição de Filadélfia, mas essas coisas são genuinamente mantidas, ou trata-se de uma pálida imitação? A “pequena força” é o mesmo que a força do dinheiro e dos tribunais? Além disso, a mão da organização está firme na Bíblia ou em alguma forma diluída do que é chamada “a Palavra interpretada”? As igrejas do Movimento estão cantando louvores ao nome do Senhor ou ao de Witness Lee? As respostas a essas perguntas, que devem ser evidentes para qualquer espectador, colocam sérios pontos de interrogação na posição “restaurada” do Movimento.

Por fim, Laodicéia representa uma condição de orgulho espiritual. Até mesmo o mais novo observador pode notar o tremendo complexo de superioridade do Movimento da Igreja Local. Isso dificilmente pode ser disfarçado, pois os membros se elogiam publicamente por serem espiritualmente ricos, enquanto depreciam outros. Talvez o retrato de Laodicéia seja o mais apropriado para o Movimento e o mais patético. Pois, assim como os fiéis se asseguram de sua condição vencedora, o Senhor a acha repugnante ao dizer: “Vou vomitar você da minha boca” (Apocalipse 3:16).

Diante disso, grande parte do Movimento Igreja Local pode, numa cruel ironia, ser realmente cristãos derrotados que foram falsamente assegurados de que são vencedores. A questão do vencedor da Igreja Local torna-se ainda mais fraca quando interpretamos as sete igrejas como sete períodos subsequentes da história da igreja. Se as últimas quatro igrejas representam o catolicismo romano, o protestantismo, o amor fraternal e o cristianismo degradado, o quadro nos mostrará que, em todas essas tradições, os vencedores são igualmente distribuídos e não concentrados em um só lugar. Em última análise, ser um vencedor não é uma questão de participação em uma organização específica. Tem tudo a ver com seguir as instruções das escrituras claramente explicadas sobre como vencer!

Cuidadosamente considerado a partir de muitos ângulos, o orgulho de uma estufa superior nas igrejas do Movimento é um mito sensacionalista na melhor das hipóteses. Certamente funciona para produzir membros fortes, mas não necessariamente crentes vitoriosos.

Assumindo o manto da restauração

A mais poderosa de todas as imagens na consciência dos membros da Igreja Local continua sendo a ideia de que elas são o equivalente virtual da “Restauração do Senhor”. Tão difundida é essa crença que ao falar da data em que alguém se uniu a uma Igreja Local, é referido como quando eles entraram na “Restauração”. Se alguém deixa uma Igreja Local, diz-se que ele deixou a “Restauração”. Uma vez lá dentro, os membros são encarregados de preservar as fronteiras da “singularidade da Restauração do Senhor” de influências externas.

A palavra “singularidade” não deixa espaço para colegas, amigos ou primos. Isso significa exclusivo e único, sem paralelo. No entanto, os círculos exclusivos dos *Brethren* [Irmãos Unidos ou somente *Irmãos*] também afirmam ser os únicos destinatários da verdade restaurada, até hoje. Por exemplo, A.J. Gardiner, um notável mestre entre os Irmãos Taylor, disse: “O importante é estar no fluir do que o Senhor está dando no momento... para viver no momento em que a verdade da assembleia em todas as suas características está sendo restaurada.” (Shuff 113). Sem dúvida Gardiner não estava se referindo a alguma restauração generalizada entre o povo de Deus, mas uma restauração claramente delineada pelas práticas, doutrinas e pessoas de seu grupo. Outro grupo de irmãos chamado “Irmãos da Verdade Necessária”, também “consideravam-se como um remanescente segundo o padrão da nação de Israel pós-exílica” (Shuff 45). Devido a essas e outras atitudes extremas, eles acabariam sendo rotulados como “os mais estreitos e fanáticos de todos os crentes” (Shuff 45).

Os Irmãos não foram os únicos crentes que caíram no laço da eclesiologia “remanescente”. Essa é a alegação de muitos grupos formais, hiper-espirituais e até mesmo heréticos que acreditavam obstinadamente em sua singularidade. O problema óbvio com suas afirmações é que não pode haver muitos movimentos únicos de Deus nesta terra. Alguém deve estar errado. De fato, todos, exceto o “verdadeiro”, devem ser fingidos. Então, quando esses grupos se encontram, eles tipicamente rejeitam um ao outro como uma falsificação satânica.

A ideia central no Movimento da Igreja Local (como com os outros) é que a autêntica igreja do Novo Testamento e suas experiências associadas foram perdidas e depois gradualmente restauradas através de pessoas e grupos específicos e sequenciais. Mas o Novo Testamento não tem nada a dizer sobre uma futura restauração coreografada da igreja. Temos

declaração profética do apóstolo Paulo sobre seu declínio (1Tm 4:1), mas nenhuma nota de rodapé apostólica prevendo uma restauração através de um grupo único de pessoas. Há ligeiras insinuações sobre o Senhor enviar “apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres...para o aperfeiçoamento dos santos...até que todos cheguem à unidade da fé” (Efésios 4:11, 13, 14). Talvez pudéssemos extrair desse pensamento uma obra muito geral de restauração divina, mas está longe das convicções que os mestres do LSM procuraram proliferar.

A maior parte da base bíblica do Movimento para o ideal de restauração está nos livros do Antigo Testamento de Esdras e Neemias. Lá, o retorno dos judeus à Terra Santa é considerado um prenúncio da “restauração do Senhor” da igreja. Os entusiastas da Igreja local acrescentam como um ingrediente extra os ministérios de W. Nee e de W. Lee como o mais alto e consumado auge da “restauração”.

Há muitos perigos em basear a identidade corporativa e a missão de um grupo na interpretação de uma imagem do Antigo Testamento. Isto é especialmente verdade quando essa imagem não tem confirmação por qualquer verdade correspondente do Novo Testamento. Sem diretrizes apostólicas que limitem tais interpretações, as mentes imaginativas encontrarão em toda passagem do Antigo Testamento novas doutrinas de ligação, princípios da igreja e restrições à liberdade cristã. Antes que alguém saiba, um sistema religioso pode ser levantado, ocupado com coisas que parecem estranhas à missão da igreja do Novo Testamento.

O princípio da restauração divina do Antigo Testamento não necessariamente contradiz a verdade do Novo Testamento. Ainda assim, ressalvas importantes devem governá-lo. Por exemplo, nós não vemos na Bíblia um grupo de crentes do Novo Testamento separando-se da igreja em geral e então permanecendo como a igreja à parte da igreja. Os vencedores dos capítulos 2 e 3 do Apocalipse não são instruídos a deixar suas igrejas e se unirem como um super-candelabro, uma oitava igreja que representa a verdadeira igreja. Nem vemos pessoas encarregadas de fazer as malas para o sexto candelabro, a igreja em Filadélfia. Sim, Paulo fala de “uma grande casa” em 2 Timóteo, onde vasos de ouro e prata deveriam se purificar de vasos de madeira e barro. Mas isso soa como uma exortação para que os indivíduos prestem atenção aos seus companheiros. Não é uma licença para a partida por atacado da casa grande para construir outra casa. Nem Apocalipse 2 e 3 nem qualquer outra passagem do Novo Testamento descreve um grupo de igrejas chamadas para uma comunhão à parte dos cristãos em geral.

No entanto, outra justificativa para reivindicar o *status* de Restauração está no entendimento específico do Movimento da Igreja Local sobre a história da igreja. A maioria dos membros sérios da Igreja Local pode registrar os passos que Deus supostamente tomou até

atingir o apogeu de Sua restauração com seus dois “servos fiéis”, Watchman Nee e Witness Lee.

De acordo com esta versão da história da igreja, todas as contribuições espirituais importantes nos últimos dois mil anos conduziram infelizmente ao sul da Califórnia. O problema com essa abordagem é que muitos outros grupos também tentaram traçar um “fio de prata” através dos séculos, dos doze apóstolos para si mesmos. Essa forma altamente seletiva de interpretação parece convincente para o leigo. Mas, ao considerar eventos considerados importantes pelo resto da comunidade cristã, a história da igreja parece tudo, menos simples. Fui informado disso pela primeira vez quando a *Christian History Magazine* publicou um número que apresentava os cem eventos mais importantes da história da igreja. Muito poucos deles cruzaram com aqueles que me ensinaram que eram de vital importância.

Percebi que, sob a mão de um editor tendencioso, os eventos históricos julgados como estranhos poderiam ser removidos, incluindo todas as coisas consideradas sem importância, as questões não compreendidas e outros elementos poderiam ser considerados desnecessários, peculiares ou “mortos”. Um arbusto, acaba parecendo um poste de telefone. E, claro, o “polo” apontará diretamente para “o editor” e seu grupo. Mas esse avanço linear e limpo é ilusório. Um padrão humanamente imposto faz com que a história da igreja seja toda sobre a busca de Deus por um subconjunto cristão específico.

O Senhor certamente progrediu através dos séculos com o Seu povo, chamando-os ao arrependimento, onde eles se afastaram das verdades mais importantes e os trouxe de volta à saúde espiritual. Na história, descobrimos que itens como a justificação pela fé foram negligenciados e depois restaurados à atenção total do povo de Deus. Experiências espirituais sofreram total desrespeito apenas para serem enfatizadas mais tarde. A vida da igreja como um todo sofreu o ataque paralisante da tradição e depois foi redescoberta. Sim, existe o princípio da perda e recuperação, ou melhor ainda, um fluxo e refluxo de coisas divinas e as realidades ligadas a elas. No entanto, não existe um grupo preciso de pessoas delimitadas por linhas organizacionais, que podem dizer: “somos a restauração do Senhor”.

Naturalmente, aqueles que professam possuir uma “fórmula” de restauração discordariam. Eles querem ser o único lugar – o paraíso privado de Deus, reservado para os poucos afortunados. Esse desejo de possuir ou pelo menos ocupar “o que o Senhor está fazendo” pode se tornar uma obsessão como crianças brincando de Rei da Montanha. Considere isso: um aluno da terceira série consegue empurrar todos os alunos da segunda série para fora de uma pilha de terra. Ele se intitula “rei” e seu monte “a montanha”. Na realidade, ele não é nada. Até o zelador da escola tem mais autoridade do que ele. E a montanha dele – a pilha de palha

no seu quintal é mais alta. Ainda assim, do ponto de vista daquele playground da escola primária, não há nada maior que seu pequeno eu sardento e seu monte de sujeira.

De um modo que lembra o drama do parquinho, grupos e movimentos estreitos escaneiam seus horizontes fechados, concluindo que Deus não está fazendo nada de significativo através de qualquer outra pessoa no mundo. Eles são, por padrão, “Reis da Montanha”. Na realidade, porém, nada menos que a onisciência poderia estabelecer os limites exatos da obra de Deus entre Seus redimidos ou atualmente atribuir níveis de importância a ela.

No entanto, tal é a incrível arrogância de homens que sem hesitação se referem a si mesmos como “a restauração do Senhor”, como se não tivesse nada a ver com mais ninguém. Mesmo aquele poderoso servo do Senhor, Elias, sentiu que somente ele era exclusivamente fiel. No entanto, ele estava errado! Deus viu sete mil outros. Paulo advertiu de certas auto-afirmações como sendo potencialmente delirantes quando ele disse, “se alguém pensa ser algo, quando não é nada, engana a si mesmo” (Gálatas 6: 3). H.A. Ironside cita J.R. Caldwell:

Foi plenamente provado no passado que Deus não possui alegações de “alta igreja”. Na providência de Deus, aquilo que se supõe ser ou mesmo representar, “a igreja de Deus na terra” sempre se provou rapidamente, e poucos anos bastaram para reduzi-lo a fragmentos. Assim deve ser sempre, porque Deus nunca ligará o seu poder àquilo que supõe ser o que não é... ”⁽¹⁴²⁾

Podemos dizer com segurança que Jesus Cristo é único, juntamente com Sua obra, Sua aliança e Seu corpo. O que é objetável é a ideia de que um grupo de cristãos dentro desse Corpo seja único, em que Deus conta apenas eles como parte integrante de Seu propósito eterno.

Nos meus primeiros dias com as Igrejas locais, lembro-me frequentemente de ser surpreendido por uma sensação de improvável admiração. Eu fui abençoado por tropeçar na última fase do "God's Move" [Mover de Deus]. Como se viu, eu estava certo em sentir a implausibilidade disso. Não existe tal coisa – pelo menos não no reino da verdade.

O fruto negativo da singularidade

Uma afirmação muito popular no Movimento da Igreja Local é que “a unidade do Corpo” está sendo restaurada. Considerando o princípio do Salmo 133, a verdadeira unidade deve resultar em algo “bom e agradável” entre os irmãos. É razoável acreditar que, se uma restauração singular da unidade estivesse ocorrendo, os envolvidos seriam muito agradavelmente dispostos em relação a seus irmãos na fé, mesmo aqueles que não estão

envolvidos na referida restauração. Haveria tamanha amplitude de coração e graciosidade nesta unidade, que seria um imã para alguns e, no mínimo, um exemplo para os outros.

“Por isso”, disse o Senhor Jesus, “todos saberão que vocês são meus discípulos, se tiverem amor uns pelos outros” (João 13:35). Infelizmente, os grupos que se concentram em sua singular “unicidade” quase sempre o atingem ao preço do amor fraterno. O falecido Dr. James Brookes escreveu sobre alguns cristãos notáveis de sua época que eram os alvos do escárnio dos *Irmãos*: “Muitos deles sofreram com as calúnias básicas e insinuações cruéis e o ódio sem causa daqueles neste 'pequeno' sistema” (Ironside 199). Os *Irmãos* eram crentes declarados pela simplicidade primitiva e unidade do povo de Deus. No entanto, paradoxalmente, eles se tornaram famosos por sua aversão daqueles que não estão entre eles.

De uma maneira ainda mais forte, encontramos entre as Igrejas do Movimento Igreja Local uma associação saturada com as mais puras atitudes em relação a outros cristãos. De fato, “cristianismo” é uma das palavras mais insultuosas no vocabulário da Igreja Local. É considerado o poleiro de mestres falsos ou pouco esclarecidos, o cumprimento de todo tipo do Velho Testamento imundo e uma fonte mista [impura] que enfraquecerá a visão concedida por meio de Witness Lee.

Não é preciso ir muito longe para verificar essa atitude. As opiniões de julgamento contra pessoas de fora são muito interessantes. Surgem com tanta frequência que um leitor receptivo poderia facilmente ser influenciado, em um curto espaço de tempo, a desenvolver sérios problemas com seus vizinhos cristãos. Entrelaçados com elementos positivos há inúmeras insinuações e críticas diretas retratando os remidos de Deus como “pobre, pobre cristianismo”. Em última análise, a partir de tudo isso, torna-se evidente uma crença distorcida de que os inimigos do Senhor são Seus próprios filhos, Sua própria família, Seu próprio Corpo (exceto aqueles poucos que se reúnem com as Igrejas locais).

Coroando a retórica mesquinha é o agora infame julgamento do “Protestantismo é sem Cristo”, pronunciado pelo próprio W. Lee. Esta é provavelmente a mais séria de todas as acusações do Movimento contra os outros, uma vez que a maioria dos cristãos nascidos de novo no mundo ocupa essa categoria (embora eles não necessariamente se rotulem como Protestantes). Essa observação incendiária gerou tanta controvérsia que esforços foram feitos para decodificar o que “realmente significava”.

Uma explicação afirma que as Igrejas Locais não são contra os cristãos; somente o sistema religioso protestante que os cristãos ocupam. No entanto, essa distinção simplificada é muito mais desafiadora do que poderíamos acreditar. É como dizer: “Nós odiamos o pecado, mas não o pecador”. Enquanto os crentes repetem este pequeno discurso e mantra, na vida

real eles frequentemente acham muito difícil de diferenciar um do outro, e acabam odiando o pecador assim como o seu pecado.

Não importa como alguém tente se esquivar da questão, os cristãos em um sistema eventualmente refletem e até se tornam os valores e crenças desse sistema. Então, se simples membros da Igreja Local foram ajudados a odiar o sistema protestante, as chances são de que eles também odeiem as pessoas que o compõem. Ironicamente, os cristãos que afirmam firmemente que a Igreja Local é uma seita também dizem que eles são contra o sistema da Igreja Local, mas não contra as pessoas nele. Assim, o mesmo raciocínio que o Movimento Igreja Local usa para justificar seu viés contra o cristianismo também tem sido usado contra ele. É claro que, quando confrontados com sua própria lógica, a liderança do Movimento não foi consolada por essa lógica de “separação de pessoas e sistemas” e decidiu processar as partes ofensoras no tribunal!

A inveja e o conflito são duas características inevitáveis do coração divisivo (1Co 3:3). Isso se deve ao fato de que as comunhões “únicas” sempre levam à formação de um “nós” e “eles”. O “eles” é o inimigo ideológico representado pelo resto da comunidade cristã – aqueles que não “viram a revelação”. Os membros internos percebem esses crentes “cegos” como uma enorme ameaça à sua pureza doutrinal e espiritual. E é quase impossível para eles mascarar suas atitudes ruins. Um homem descreveu para mim um pequeno grupo onde um livro não-LSM (mas profundamente bíblico) estava sendo lido. Cada pessoa fez uma leitura, exceto uma mulher pró-LSM, que passou o livro a cada vez, com cara de jogador de pôquer, sem sequer olhar para baixo. Sabendo algo de suas inclinações religiosas pessoais, ele concluiu que o ministério em que ela estava era baseado em ódio. Outra pessoa, um cristão que não estava familiarizado com a cultura do Movimento Igreja Local, perguntou por que um homem pró-LSM que trabalhava com ele jamais poderia ter uma conversa agradável sobre Deus. “Ele passa o tempo todo tentando me corrigir”, disse o homem.

Esses exemplos, infelizmente, tendem a ser típicos. Imaginando-se como guardiões de verdades únicas, os membros da seita experimentarão dificuldades em ter sentimentos pacíficos em relação àqueles que estão do lado de fora, mesmo que deixem o grupo em questão. No Movimento Igreja Local, tanta inimizade e suspeita são semeadas através de tantos caminhos diferentes que os membros que saem relatam ainda ter problemas em se associar com outros cristãos, menos ainda adorar junto com eles.

O ciúme, a outra característica principal da alma estreita, é o ressentimento latente contra os sucessos daqueles que “não deveriam ser abençoados”. Quando a mega-igreja na rua ou um grupo livre de vizinhança ou alguma igreja da comunidade cresce aos trancos e barrancos, e limitações, o coração sectário é tomado pela necessidade de explicá-lo de alguma

forma. Como esse outro grupo poderia prosperar, a menos, é claro, que eles trapaceassem usando meios ilícitos? “Superficial”, “mundano” e “obra social” são algumas das acusações favoritas contra eles. Assim, o ciúme garante que um repertório de acusações desqualificadoras seja mantido à mão, de modo que os avanços de outros não sejam apreciados.

Perto do fim de sua vida, W. Lee fez uma declaração de arrependimento a respeito de sua posição condenatória contra os cristãos. No entanto, foi muito pouco e tarde demais. Depois de décadas de retórica inflamada voltada para os que estavam fora do acampamento, seria necessária outra vida de ensinamentos para reconstituir seus ouvintes a atitudes mais moderadas. É provavelmente um ponto discutível, de qualquer maneira. Os atuais líderes do Living Stream Ministry negam a força do pedido de desculpas de W. Lee no púlpito. Eles evidentemente sabem que tais palavras tomadas ao pé da letra poderiam minar a “singularidade” tão meticulosamente construída em sua mentalidade de membro. Então, onde a censura aos de fora pode arrefecer, ou onde uma “influência do cristianismo” começa a invadir, os tenentes do movimento lembrarão os membros para evitar a contaminação de outros cristãos. Essa abordagem de tolerância zero continuamente desperta medo e ódio contra os que estão do lado de fora. Ao mesmo tempo, minimiza qualquer dinâmica que possa levar a mudanças no acampamento.

Obviamente, esta não é a unidade descrita nas Sagradas Escrituras. É outra separação criada pelo homem no Corpo de Cristo, mais uma vez enfatizando “pureza” e “singularidade”. Voltando por um momento para os chamados “livros da restauração” do Antigo Testamento, não encontramos nenhum coração de hostilidade entre aqueles que retornaram à Terra Santa e aqueles que ficaram na Babilônia. Aqueles que sobejavam materialmente supriram aqueles que retornaram - “E todos os que estavam ao redor deles os encorajaram com artigos de prata e ouro, com bens e gado, e com coisas preciosas, além de tudo o que foi voluntariamente oferecido” (Esdras 1:6). Nem os que retornaram se viam como separados dos que ficaram. Isto é evidente na oração de Esdras, proferida de Jerusalém, falando ainda daqueles em Babilônia e Jerusalém como um todo unificado - “Desde os dias de nossos pais até hoje temos sido muito culpados, e por nossas iniquidades, nós, nossos reis, e os nossos sacerdotes foram entregues nas mãos dos reis das terras, à espada, ao cativeiro, ao saque e à humilhação, como se vê neste dia. E agora, por um pouco, a graça foi demonstrada pelo Senhor nosso Deus, para nos deixar um remanescente para escapar, e para nos dar uma cavilha em Seu lugar santo, para que nosso Deus possa iluminar nossos olhos e nos dar uma medida de reavivamento em nossa escravidão” (Esd. 9:7-8).

Uma genuína restauração da unidade não abandonaria a unidade de todo o povo de Deus, a fim de alcançar a unidade entre uma elite de poucos. Menos ainda difamaria aqueles entre o povo de Deus que estivessem relutantes em se envolver com isso.

Se alguma coisa está sendo restaurada, isso significa que existiu, foi perdida e depois foi encontrada. Mas a unidade supostamente restaurada pelo Movimento Igreja Local, tão marcada pela animosidade em relação aos outros, não pode ser localizada nas Escrituras. Isso nunca existiu. Assim, devemos lembrar um princípio simples: quando algo foi restaurado que nunca existiu no passado, então ele não foi restaurado, foi inventado.

Ok então, quem somos nós?

Longe de se sentirem pecaminosos, os sistemas sectários podem encorajar seus membros ao mesmo tempo em que proporcionam um sentimento de pertencimento, segurança e missão exclusivos. Para que não vivamos nesse tipo de paraíso dos tolos, devemos construir, a partir do zero, o que realmente somos de acordo com a verdade. Isso não será muito difícil. A Bíblia apenas nos diz que somos o Corpo de Cristo. Não somos outra coisa, algo melhor ou algo superior. Nós não nos distanciamos do Corpo de Cristo, já que essa é uma declaração divisiva. Nem somos melhores do que o resto do Corpo de Cristo, pois isso é uma declaração elitista. Somos simplesmente cristãos, membros do corpo geral, não melhor do que ninguém. A Bíblia se recusa a dizer mais. Não descreve uma “igreja imatura” ou uma igreja das primícias. Longe de fugir da comunhão comum para pastos mais vitoriosos, os vencedores permanecem no contexto do envolvimento comum da igreja até o arrebatamento.

Os santos embaraçados me perguntaram: “Então, se não somos a Restauração do Senhor, o que nos torna diferentes de qualquer outra pessoa?” Em resposta a essa pergunta, eu perguntaria: devemos ser diferentes? Devemos tentar ter algo diferente do que os cristãos em geral estão oferecendo – coisas como verdade bíblica, salvação, Cristo, a comunidade amorosa dos crentes e ajudar a aperfeiçoar o ministério de alguém? De fato, se estamos esperando dar algo diferente daquelas coisas, então somos nós que não mais correspondemos à descrição bíblica da igreja. Quando não podemos ser pacíficos entre outros grupos cristãos sem assumir um *status* elevado, então esse é o fruto persistente de uma mentalidade partidária, não uma visão legítima.

Em vez de perguntar como podemos manter as diferenças de outros cristãos, deveríamos estar nos perguntando como, em convivência harmoniosa com eles, podemos servir melhor às necessidades de nossas comunidades perdidas. É verdade que uma vez justificamos nossa existência com base unicamente na “Restauração do Senhor”. Agora é hora de encontrar

significado nas injunções bíblicas de pregar aos perdidos, discipular os encontrados e edificar aqueles que foram discipulados. (E não, isso não é o mesmo que os esforços do Movimento da Igreja Local para ganhar membros).

Alguns ainda perguntam: Então, se não somos nada de especial, por que não apenas se separar e se juntar a outros grupos cristãos? Talvez essa seja uma proposta legítima, em que uma Igreja Local tem se arrastado por muitos anos com uma participação nos dois dígitos muito baixos, e ninguém está presente com um dom para estabelecer uma igreja. Eu não recomendaria transformar sua comunhão em um Alamo¹, onde você está determinado a “tomar uma posição”, não importa quais sejam os custos. Isso ocorre quando reuniões estão mortas, a juventude odeia e não pode esperar para escapar, sua esposa está murchando por falta de companheirismo, e você se encontra a longo prazo, apenas tolerando a coisa toda sem plano, sem pista, e sem energia para mudar isso. Para não mencionar, os recém-chegados à igreja são tão raros quanto os mamutes lanosos. Ainda assim, você sente que permanecer é uma questão de dever sagrado, onde todos os doze de vocês lentamente estagnam. É isso que quero dizer com “Alamo”.

Sim, nessas condições, você pode repensar o que está fazendo. Isso poderia envolver a busca de ajuda de outra congregação. Mas mesmo isso não significa abandonar sua intenção anterior de ser uma igreja. Você poderia continuar reunindo-se em uma base semi-independente, usando os pontos fortes de uma congregação maior e melhor estabelecida como uma muleta por um tempo para compensar sua falta. Antes de uma decisão desse tipo, porém, eu o encorajaria a terminar de ler este livro. Há uma série de itens a serem cobertos que podem melhorar muito sua mão-de-obra local.

Voltemos à questão maior de “Por que não apenas nos unirmos a outros grupos?” Não há razão para confiscar sua congregação se já tiver uma liderança pequena, mas operacional, um núcleo de membros um pouco comprometidos, uma comunhão razoável e uma identidade geral como igreja. Nessas circunstâncias, o ajuste fino pode ser necessário e talvez uma revisão, mas certamente nada mais drástico do que isso. Em vez disso, um inventário pragmático precisa ser feito sobre o que uma igreja desse tipo tem a oferecer à comunidade que a cerca. Por exemplo, uma característica positiva em nossa cultura do passado foi a ênfase na profundidade da verdade. Usado corretamente, isso sempre será apreciado por outros crentes (desde que não se torne um dogmatismo). Aqueles que podem ministrar com responsabilidade a verdade da Bíblia são grandes dons para qualquer congregação. Isso é especialmente

¹ Alamo vem do grego *alamarius* que em seu contexto significa vitorioso em cima dos fortes, a palavra alamo deve ser usada quando um indivíduo deseja referir-se a outro como vitorioso sobre algum assunto ou tarefa que aos olhos dos demais seria quase impossível.

verdade em um momento em que é difícil distinguir entre a psicologia de auto-ajuda e a genuína revelação do evangelho.

Por exemplo, além do bom ensino, nosso trabalho no *campus* em Columbus tinha que identificar o serviço que poderia fornecer à Ohio State University. Isso primeiro significava perceber o que não éramos. Nós não éramos, de fato, alguma organização nacional do *campus* com enormes recursos financeiros. Não tínhamos dinheiro, tamanho ou obreiros famosos. Mas o que fizemos foram alguns jovens consagrados que tinham um forte interesse em discipular outros.

Identificar essas forças congregacionais ajuda a determinar o seu “nicho” no Corpo de Cristo expresso localmente. Então, depois de muita comunhão e oração, chegamos à conclusão de que, em muitos aspectos, estávamos fazendo a mesma coisa que os outros grupos – levando-os ao Senhor e à Bíblia e a uma vida santa (que era maravilhosa). Mas também tivemos algo extra na área de equipar as pessoas para o ministério.

Nós acentuamos nosso nicho produzindo materiais, uma estrutura pela qual as pessoas poderiam progredir e uma declaração de visão coesa. A bênção imediatamente se seguiu na vida dos jovens que se juntaram a nós. Em sua situação particular, você também sem dúvida identificará certos pontos fortes que o Senhor forneceu. Alguns destes serão resíduos positivos que foram obtidos através do tempo no Movimento da Igreja Local (como a propensão para o ensino). Outros itens serão dons específicos das pessoas que se encontrarem com você (como talentos musicais). Outra ainda pode ser a cultura geral de sua igreja (como ter um ambiente caloroso e amigável). Você pode até mesmo ver sua demografia prevalecente como uma bênção (temos idosos – seniores certamente podem ajudar outros idosos! Ou casais jovens podem trabalhar com outros jovens casais). Por todos os meios, invista tempo e energia para desenvolver o que você tem a fim de obter o efeito desejado do desenvolvimento da disciplina do evangelho. É claro que se você puder produzir coisas em sua igreja que você ainda não tem, tudo bem, faça. No entanto, não deixe que recursos preciosos existentes atrofiem ao tentar ser algo que você não é.

Tomar nosso lugar na comunhão comum do Corpo de Cristo simplifica e enriquece consideravelmente a vida da igreja. No entanto, isso vem ao preço de desprender egos religiosos. Isso significa banir o hábito de difamar todos os outros (ou mesmo rebaixá-los). Se formos especiais, ou em algum sentido positivo “único”, deixe que os outros nos digam. Assim como Paulo disse, eles relatarão que Deus está verdadeiramente no meio de vós (1Co 14:25). Se passamos a maior parte do tempo tentando convencer a nós mesmos e a nossos visitantes como somos especiais, quão únicos, puros e abençoados por Deus, então há algo errado. Juntamente com todos os verdadeiros crentes, fomos igualmente elevados ao maior lugar do

universo – para ser o próprio Corpo de Cristo. Nossa missão não é ocupar algum pico mais elevado e fictício. Estando em repouso com essa realidade humilde, podemos então voltar nossa atenção para as preocupações mais prementes de vivermos o que somos.

Arterburn, Stephen. *Toxic Faith*, (Thomas Nelson, 1991).

Johnson, David. *The Subtle Power of Spiritual Abuse*, (Bethany House, 1991).

Ironside, H.A. *A Historical Sketch of the Brethren Movement* (Loizeau Brothers, 1985).

Shuff, Roger. *Searching for the True Church* (Paternoster, 2005).